

CANAL ORÉ – DIÁLOGOS**VOZES INTERCULTURAIS EM PLATAFORMAS DIGITAIS****Darcineia Gonçalves Saldanha**

Acadêmica indígena Kubeo do curso de enfermagem da UEA

E-mail: dgs.enf17@uea.edu.br

Mayara Pereira Batista

Acadêmica indígena Sateré-Mawé do curso de Biologia da UEA

E-mail: mpbt.bio@uea.edu.br

Viviane Palandi

Acadêmica do curso de Teatro da UEA

E-mail: vp.tea19 @uea.edu.br

RESUMO: O trabalho visa relatar a experiência realizada no projeto de extensão “Tecendo diálogos interculturais” que tem por objetivo debater sobre a interculturalidade e a presença e permanência dos indígenas especificamente da Universidade do Estado do Amazonas - UEA. A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa e segue uma dinâmica colaborativa pela técnica do grupo de discussão, cuja base teórica centra-se nos pressupostos da interculturalidade. Como resultados do trabalho apresentamos o Canal Oré – Diálogos, plataforma online residida na rede *Youtube* e no *Instagram* com produções audiovisuais que deflagram a invisibilidade indígena no contexto universitário.

Palavras-chaves: Interculturalidade; Comunicação Digital; Protagonismo Indígena.

ABSTRACT: The work aims to report the experience carried out in the extension project "Tecendo diálogos interculturais" which aims to debate on interculturality and the presence and permanence of indigenous people specifically at the University of the State of Amazonas - UEA. The methodology used is a qualitative approach and follows a collaborative dynamic through the discussion group technique, whose theoretical basis is centered on the assumptions of interculturality. As a result of the work, we present Canal Oré – Diálogos, an online platform located on the Youtube network and Instagram with audiovisual productions that trigger indigenous invisibility in the university context.

Keywords: Interculturality; Digital communication; Indigenous Protagonism.

INTRODUÇÃO

Em setembro de 2018, circulava nas dependências da Escola Normal Superior - ENS/UEA uma chamada para um edital exclusivo para indígenas estudantes. Ali estava uma oportunidade de encontrar e conhecer indígenas estudantes, conta Mayara Sateré Mawé, participante do projeto de extensão “Tecendo Diálogos Interculturais”. Para ela, ganhou-se uma nova forma de ver os indígenas estudantes, que por muito tempo foram invisibilizados e silenciados dentro da instituição. Estar na universidade hoje é um ato político de resistência, como nos diz Krenak (2019).

Nesta direção, apresentamos neste trabalho a criação do Canal Oré - Diálogos, protagonizado pelos indígenas acadêmicos do projeto supracitado. Sendo o primeiro Canal indígena na Universidade, a primeira instância da abordagem seria as histórias de cada povo participante do projeto, bem como produzir conteúdos voltados a desmistificar a trajetória indígena na Universidade e com isso construir um espaço de diálogo entre os indígenas estudantes e a comunidade acadêmica.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O trabalho segue a metodologia de abordagem qualitativa, num trabalho colaborativo e dialógico na perspectiva intercultural, conforme nos assevera Candau (2011). A técnica utilizada é o grupo de discussões que, conforme Santos (2009) o tema é debatido por todos os participantes por um período de tempo até esgotarem o assunto. Esses debates foram gravados. Esses grupos de discussão ocorrem semanalmente. Uma das parcerias que o projeto agregou, foi com o Tabihuni – Núcleo de Pesquisa e Experimentações das Teatralidades Contemporâneas e suas interfaces pedagógicas (CNPq – UEA/ESAT) na equipe de coordenação e no apoio ao projeto. O Tabihuni tem como objetivo desenvolver estudos teóricos e práticos sobre o corpo e sua expressividade, tendo como referência as suas interfaces artísticas e interculturalidades em diálogo entre a comunidade acadêmica da Universidade do Estado do Amazonas e comunidade em geral, atuando os seus participantes como monitores e coordenadores do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O projeto de extensão acontece em Manaus e os integrantes são acadêmicos/as indígenas e não indígenas matriculados nos diferentes cursos de licenciatura da Escola Normal Superior no curso de Ciências Econômicas, no curso de Teatro da Escola de Artes e Turismo e do curso de Enfermagem, da Escola de Saúde. No caso dos indígenas, alguns vieram direto de suas comunidades para a capital após a aprovação no vestibular, outros já residiam em Manaus para onde suas famílias vieram há tempos atrás. O ingresso desses

discentes se deu via vestibular pelo grupo 8 (reserva de vagas para indígenas, estabelecida pela Lei Ordinária nº 2894/2004 do Estado do Amazonas).

Os discentes não indígenas participantes do projeto atuam como apoio no desenvolvimento das outras formas de linguagem artísticas, como três (03) participantes bolsistas do curso de Teatro, e quatro (04) monitores do projeto “Práticas de leitura e escrita: o português para acadêmicos indígenas”, que atuam em conjunto com o projeto “Tecendo Diálogos Interculturais”, inclusive com os mesmos coordenadores, que são professores da área da Educação e do curso de Teatro.

Como resultados dos debates no projeto houve a criação do canal Oré – Diálogos. Este foi uma construção coletiva, sendo um espaço midiático para discutir as questões pertinentes à presença indígena nas universidades e outros temas nesta perspectiva, configurando-se como um resultado no âmbito das discussões teóricas e nas questões da visibilidade.

O nome pensado foi Oré que significa “nós” em vocabulário do antigo tupinambá, pois o projeto abarca vários povos tradicionais. Em seguida, houve mais um avanço buscando oficinas com profissionais do ramo de audiovisual.

“Povos Tradicionais na Universidade” foi o primeiro vídeo produzido e gravado na Casa das Artes e teve a participação de 06 (seis) estudantes indígenas de diferentes povos que contaram suas trajetórias e inserção na universidade. Participaram do vídeo os acadêmicos Estélio Munuruku, Samela Satere Mawé, Daise Galvão Baré, Mayara Batista Satere Mawé, Manuela Baré e Francisco Maricaua Kokama.

O Canal Oré - Diálogos foi lançado no dia 04/12/2019 com a presença de lideranças indígenas, acadêmicos, professores e representantes da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários - PROEX. Os marcadores deste evento foram as falas dos indígenas, suas músicas e a dança que envolveu a todos numa grande roda. Neste espaço se produziu um entre-lugar onde as diferenças se mobilizam para um enriquecimento coletivo.

O processo de tomada de “território” foi rápido e surpreendente. Ouvíamos por todos os lados os comentários sobre cada avanço que o projeto fazia, sempre tendo como protagonista o indígena estudante. Nossas vozes saíram dos muros da universidade, nosso canto que representa cada um dos nossos ancestrais ecoou mais longe. Precisávamos ser ouvidos para além dos muros da universidade, que por anos tentou abafar nossa voz e nossa origem, e diante dessa tão grande necessidade de falar e expor nossa existência (Depoimento de Mayara Sateré Mawé).

Dentro dessa perspectiva coletiva, os participantes do projeto se mantiveram conectados durante a pandemia da COVID-19. Como cita Boaventura (2020) sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. Nessa consciência planetária, a rede de apoio se fortaleceu entre os

participantes do projeto, nos encontros semanais on-line pela plataforma *Google Meet* e houve a proposta de produção de *lives* pelo canal do *Instagram* com os seguintes temas:

Mulheres Indígenas na Ciência: nesta *live* contamos com a convidada Mayara Batista, Satere Mawé, acadêmica de Biologia e mediação da Diana Farias, acadêmica do curso de Letras que dialogaram sobre o tema. Mayara falou sobre o trabalho de mulheres indígenas e suas produções, ressaltando a necessidade de romper com os estereótipos que ainda estão presentes na sociedade contemporânea.

A vivência de tecer um diálogo intercultural na universidade foi o tema da segunda *live* e contou com a presença da acadêmica de Pedagogia Gabriela Paiva Satere Mawe e a mediação da acadêmica de Teatro Viviane Palandi. O ponto central da conversa foi sobre a importância de debater sobre a interculturalidade no ambiente universitário e a necessidade de se promover projetos que contribuam com essa questão.

Narrativas do conhecimento indígena: do Kumuã à universidade foi uma *live* que contou com uma grande participação e contou com a presença do doutor João Paulo Barreto, Tukano e a mediação do Professor da ESAT, Luiz Davi Gonçalves. João Paulo abordou o tema dos conhecimentos dos povos indígenas e falou um pouco sobre sua trajetória e a necessidade de ouvir os mais velhos das aldeias.

Resistência na vitalização da língua Kokama contou com a participação do acadêmico de Pedagogia Francisco Maricaua Kokama e a mediação do acadêmico de Teatro Gabriel Mota. Maricaua relatou sobre sua experiência no Centro Cultural Kokama e o trabalho que desenvolve na revitalização da língua Kokama.

Políticas Educacionais e Povos Indígenas no Amazonas foi o tema da última *live* e teve a participação da Professora Alva Rosa Tukano, doutoranda em Educação e a mediação da Professora Célia Aparecida Bettiol. Alva rosa lembrou sua trajetória de vida até chegar ao doutorado, sua atuação militante nos movimentos indígenas e falou sobre suas pesquisas no campo das políticas educacionais e povos indígenas.

Estas geraram uma repercussão significativa para o Canal Oré - Diálogos, pois atraíram novas pessoas que conheceram o projeto, bem como a importância da sua manutenção na Universidade, propiciando que mais estudantes indígenas fizessem parte e fossem protagonistas das suas trajetórias dentro e fora da vida acadêmica. Para Darcineia G. Saldanha, do povo Kubeo, “afirmo que sou feliz por fazer parte dessa rede de interculturalidade que existe na universidade, pois juntos somos capazes de realizar muito mais e ir mais além”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito importante que os indígenas ocupem os espaços na mídia, para que nossa voz seja ouvida, tenhamos visibilidade onde estivermos. As produções

de conteúdo dentro das plataformas de comunicações vão ao encontro a todas as limitações que por séculos foi imposta aos povos indígenas. Desta forma, contrariando todas as estatísticas e crenças de que os espaços das redes sociais não são para os povos originários, estamos presentes nesse cenário digital, em Oré promovendo momentos de interculturalidade em espaços não formais de divulgação científica, o que resulta também na visibilidade dos conhecimentos e das cosmologias indígenas do Amazonas.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera. Maria. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas, 2011. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, M. C. P. O estudo do universo escolar através da voz dos jovens: o grupo de discussão. **Revista Portuguesa de Educação**, v.22 (1), CIEd. Universidade do Minho. p. 89-103, 2009.

SOUZA SANTOS. Boaventura. **A cruel pedagogia do vírus**. Edições Almedina, S.A., 2020. ISBN 978-972-40-8496-1. Disponível em:
<<https://www.cidadessaudaveis.org.br/cepedoc/wp-content/uploads/2020/04/Livro-Boaventura-A-pedagogia-do-virus.pdf> > Acesso em: 08 de outubro de 2020.